

Fora do Binário:

**A Utilização de Linguagem Neutra e Inclusiva na Edição em
Língua Portuguesa**

Catarina Fardilha Pinto

Dissertação de Mestrado em Edição de Texto

Versão corrigida e melhorada após defesa pública.

Março de 2024

Dissertação de Mestrado: Fora do Binário

Dissertação de Mestrado apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob a orientação científica do Prof. Doutor

João Luís da Costa Campos Vieira Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,

Universidade Nova de Lisboa).

So here it is. My friends call me he, or they.
The government and most of my family call me she.

The media calls me she, because I don't trust
them enough to request that they do anything else.

My lovers call me sweetheart. Or baby.

Somewhere in all of that I find myself.

Ivan E. Coyote (2014), Gender Failure

Agradecimentos

Escrever esta dissertação foi um trabalho muitas vezes solitário, mas durante o qual nunca estive verdadeiramente sozinha. Aqui agradeço a todos aqueles que tornaram este processo um bocadinho mais fácil. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

Ao meu orientador Professor Doutor João Luís Lisboa, pela paciência, sabedoria e encorajamento.

À minha família, e em especial aos meus pais que sempre confiaram em mim e nas minhas decisões, mesmo quando estas não pareciam as mais acertadas. Devo-vos tudo o que sou.

Aos meus amigos, fonte de inspiração constante, obrigada pelas incontáveis horas de partilha. Espero que o futuro vos sorria e se mostre mais tolerante para com a vossa existência.

À Catarina, pelo ombro para chorar, pelo ouvido confidente e pela presença contínua, mesmo que agora mais longe do que ambas gostaríamos. Obrigada por acreditares em mim mesmo quando eu não acreditava.

Resumo: Ao considerarmos que a edição deve espelhar a sociedade em que se insere, a necessidade para a inclusão de identidades fora do binário corrente leva-nos a procurar respostas para um problema partilhado por todas as línguas com géneros gramaticais rígidos: A introdução de linguagem neutra ou agénero para denominar todos os que se identificam com identidades ou expressões de género diversas. As suas particularidades, bem como a opinião pública, são algumas das preocupações do ponto de vista editorial. Procura-se assim, através de exemplos já publicados em Portugal e no Brasil, perceber o que foi feito, e que estratégias podem ainda ser adotadas, para criar um panorama literário mais diverso e inclusivo escrito em língua portuguesa.

Palavras-chave: Literatura, Edição, Linguagem Neutra, LGBTQI+, Inclusão, Identidade de Género.

Abstract: If one considers Publishing a reflection of the society in which it is set, then the need to include people whose identities fall outside of the current gender binary arises. To make this possible, we need first to solve a problem shared by all languages with strict grammatical genders: the inclusion of those who identify with all other gender identities or expressions through gender neutral language. How to do this, as well as public opinion on the matter, are some of the concerns from a publishing standpoint. By using examples of already published works in both Portugal and Brazil, we seek to find what has been done and what strategies we could still adopt to create a more

Índice

Introdução	7
1. Linguagem Neutra como Fenómeno Social.....	9
1.1 Neutro e Inclusivo: De “x” a “elu”	9
1.2 Jovens <i>Queer</i> e a Necessidade de Pertença.....	18
2. Linguagem Neutra na Literatura	22
2.1 Casos de Estudo: O <i>Neutro</i> em Tradução	24
2.2 Casos de Estudo: Inovação “No Meu Bairro”	28
3. Editar Neutro Inclusivo	34
3.1 Públicos (Leitores): Contestação Organizada	35
3.2 Incluir ou Não Incluir: Escolhas Editoriais.....	41
4. Ir Mais Longe.....	45
Considerações Finais	50
Bibliografia Ativa	52
Bibliografia Passiva	52

Introdução

A procura por comunidade sempre foi, e continua a ser, um dos grandes objetivos do ser humano. É esta procura por aceitação que revela a necessidade e importância da representação de todos na esfera cultural e social. Uma sociedade é distinta e plural, com ou sem a aprovação ou legitimação da sua maioria. No entanto, quão mais felizes seríamos se convivêssemos com os nossos pares, iguais, mas distintos na sua humanidade, construindo assim a famosa manta de retalhos humana tão aclamada por aqueles de nós que presam a inclusividade.

A contemplação de pessoas que não integram o binário de género não é uma temática tão recente como se poderia pensar. Podemos encontrar registos de pessoas que se encontrariam numa descrição moderna de “não-binário” em escritos Mesopotâmicos¹. Várias formas de nos referirmos a estas pessoas são hoje utilizadas em diversos países e idiomas, mas a problemática de codificação de uma linguagem inclusiva, desprovida de juízos de género, sexo ou quaisquer outros preceitos, torna-se mais difícil de alcançar em certas línguas.

A língua inglesa e outras línguas de origem germânica, como o sueco ou o norueguês, têm a sua vida facilitada: em inglês o pronome *they* com uma utilização singular neutra já existia, e voltou a ser adotado num contexto contemporâneo sem grandes entraves linguísticos. É hoje amplamente utilizado em todos os tipos de *media*. A sua aceitação social é debatível, do ponto de vista formal, não existe nenhuma razão para não ser utilizada.

¹ Não sendo este o objetivo principal desta dissertação, mais informação sobre este tema pode ser encontrada em: Leick, Gwendolyn (1994). *Sex and Eroticism in Mesopotamian Literature*. New York: Routledge.

Já no caso do português e de outras línguas de origem latina, a resposta não é tão simples. A verdade é que não existe um pronome neutro em português: muito pouco na nossa língua o é. Devido à inexistência de formas orgânicas de tratamento de pessoas não-binárias, cria-se a necessidade entre membros desta comunidade de se autodefinirem. Várias propostas foram aparecendo, nomeadamente nas redes sociais e em esferas empresariais, de forma a criar soluções para diferentes problemas, como teremos a oportunidade de constatar, sendo *elx*, *el@* alguns dos exemplos propostos. A sua impraticabilidade está à vista: impossíveis de pronunciar e/ou com grafemas que não pertencem ao nosso abecedário, nunca realmente representaram uma proposta satisfatória para o problema em mãos.

Para tentar responder a estas falhas são criados os sistemas ELU/DELU, ILE/DILE e ILU/DILU, para nomear alguns. Entre estes, embora não oficializado, nem padronizado, é o sistema ELU/DELU o mais amplamente utilizado em registo escrito.

Sendo este o sistema mais completo e com prevalência social na comunidade em que se insere, procuremos compreender a sua utilização em obras editadas na língua portuguesa, os entraves e preocupações de quem lê e de quem edita.

Esta não será uma análise linguística sobre a validade do Sistema proposto, embora essa seja também uma temática de importante discussão, mas sim uma análise do panorama editorial em língua portuguesa, e na literatura de temática LGBTQIA+ e seu respetivo mercado.

1. Linguagem Neutra como Fenómeno Social

1.1 Neutro e Inclusivo: De “x” a “elu”

O desejo de alcançar neutralidade de gênero não é novo e não se restringe à causa não-binária. A própria concepção de gênero é agora posta em causa.

“Em primeiro lugar, nas últimas décadas, é possível observar movimentações tanto no que se refere à disparidade entre gêneros sociais (mulher e homem), quanto no que se refere ao próprio questionamento do que são os gêneros e sua distribuição binária (SENKEVICS; POLIDORO, 2018). Um debate sobre os reflexos de problemas sociais na língua portuguesa obteve espaço, e, conseqüentemente, a distribuição binária entre gêneros gramaticais da língua portuguesa passou a ser questionada.” (Carvalho, 2019, p. 74)

Paralelamente à luta LGBTQIA+ por representação e normalização de todas as identidades de gênero, também a terceira vaga feminista se preocupa com a igualdade, se bem que de um ponto de vista marcadamente binário e não representativo de todas as pessoas discriminadas sobre a base da sua identidade de gênero. Repare-se que a politização da linguagem de gênero e a sua alteração com fins expressamente político-sociais não é nova e vem a ser implementada em diversas línguas. De acordo com Mäder e Severo (2016):

“em língua portuguesa, neste caso, o português brasileiro, em pelo menos dois momentos houve intervenção oficial sobre o tema, por meio da Lei nº 2.749 (1956) e da Lei nº 12.605 (2012), que regulam o uso do gênero gramatical em nomes para cargos e títulos públicos, além do projeto de Lei da Câmara nº 102, de 2002, que versa sobre o uso genérico da palavra homem.” (p. 247)

Aqui são introduzidos vocábulos como “Presidenta”, no contexto da presidência de Dilma Rousseff, que citando os mesmos autores: “neste caso não está em questão o gênero gramatical

a ser utilizado para a referência à presidenta Dilma Rousseff. Tanto uma quanto outra são palavras que designam o gênero gramatical feminino.” (p. 248), mas sim, a escolha política da variante que demonstra mais marcadamente o feminino (p. 248). Falamos aqui, essencialmente, de uma preocupação com a representatividade da mulher cisgênero na sociedade e em particular no local de trabalho.

Formas iniciais de atualizar e neutralizar a linguagem no mundo empresarial luso incluíam a utilização, sempre que possível, de vocabulários neutros de como é exemplo “todos os colaboradores”, bem como a procura por metonímias, perífrases e nomes coletivos para substituição de nomes com demarcação de gênero. A palavra “colaboradores” apresenta ainda um conjunto de outros problemas quando utilizada em contextos profissionais. Ao contrário dos vocábulos “trabalhador” e “empregado”, por exemplo; “colaboradores” parece eliminar a hierarquia naturalmente desigual e implícita em qualquer estrutura organizacional. Raramente um trabalhador é um mero colaborador, um igual. Sendo “colaboradores” um vocábulo masculino, teremos a oportunidade de comprovar que não soluciona a problemática em mãos. No entanto, é interessante como a esfera profissional tende a procurar resolver problemas do ponto de vista estético e superficial, sem realmente procurar resposta para as verdadeiras causas sistêmicas da desigualdade que encontramos na relação empregador/empregado. No mundo empresarial, outras formas de inclusão foram testadas, nomeadamente as terminações em “x” ou em “@”, nenhuma destas satisfatória, pela sua impossibilidade de pronúncia e distanciamento total da língua em que se propunham inserir. “Assim, uma palavra como ‘alunxs’ é antinatural para o sistema, pois a segunda sílaba -nxs não atende às regras fonotáticas da língua” (dos Santos, 2019, p. 170). Outras críticas incluem a forma capacitista como este tipo de “inclusão”, na realidade, alienava pessoas com incapacidades visuais (Schwindt, 2020, p.16). O “@” é ainda criticado “por se constituir de uma vogal “o” em torno de um “a”, reafirmando a binariedade nos gêneros” (Guimarães, 2020, p. 5).

Como afirma da Silva (2022), o problema deste tipo de “soluções” é que descartam a verdadeira raiz do problema: o masculino neutro, também conhecido como “falso neutro” (p. 3). Este pode não apresentar problemas aparentes: de um ponto de vista puramente gramatical, não denota gênero; não se afirma nem masculino, nem feminino. Simplesmente é. Para muitos, este simples facto, torna a problemática da linguagem inclusiva um não-problema, ainda que denote uma visão androcêntrica da sociedade em que se insere. De acordo com Câmara Jr. (1970), também citado por dos Santos: “...a forma gramatical conhecida como masculina é, na verdade, não-marcada para gênero, expressando tanto o gênero neutro quanto o masculino, a depender do contexto.” (p. 163). Um exemplo ilustrativo seria o da utilização do pronome “eles” para nos referirmos a um grupo de pessoas. Empregamos “eles” tanto para grupos formados por indivíduos do sexo masculino como para grupos mistos, sendo que um grupo formado por vários elementos do sexo feminino e com um único elemento do sexo masculino, seria inevitavelmente referido como “eles”. O emprego de “elas” neste contexto só seria permissível fossem todos os elementos do sexo feminino. Assim, dos Santos (2019) afirma ainda que para aqueles que apoiam a linguagem inclusiva: “entende-se que o uso do masculino como generalizante opera no discurso um posicionamento sexista estruturalmente fixado sócio-historicamente” (p. 161). A autora afirma que esta visão do masculino como gênero neutro “é passível de críticas de quem defende uma língua inclusiva, pois é socialmente questionável a ideia de que a forma feminina represente uma “subespécie” da masculina.” (p. 163).

A substituição da nomenclatura do documento de identificação pessoal para “Cartão de Cidadão” é um exemplo da criação de um problema de gênero anteriormente inexistente. A nomenclatura anterior, “Bilhete de Identidade”, não oferecia qualquer indicação de gênero. O atual “Cartão de Cidadão”, que utiliza o falso neutro “cidadão”, apaga mais uma vez a representação de uma considerável parte da população e enquadra o masculino como o padrão natural.

Por isto, como demonstram Mäder e Severo, citando também outros autores, o impulso para a linguagem neutra não se trata tanto de um movimento de atualização linguística, mas antes de um movimento social e, necessariamente político:

“Assim, quando as mulheres assumem suas vozes na esfera pública, por meio do exercício político, valores tradicionais como o patriarcalismo passam a ser amplamente questionados e revistos. Diante de tais acontecimentos, “O resultado tem sido a emergência do feminismo como uma elaboração filosófica e política” (SALGADO, 2008, p. 63). Tal elaboração filosófica e política implica uma reorganização das “regras do jogo”, que envolvem revisões de natureza epistêmica, social, cultural e política (MIGNOLO, 2007).” (pp. 255-56)

Para Leal et al. (2023), a tentativa da criação de um discurso/linguagem mais inclusivo, mesmo que dentro dos parâmetros pré-estabelecidos pela língua natural, é essencial para a gradual e progressiva eliminação de “palavras e expressões que possam ser consideradas discriminatórias e estigmatizantes para com pessoas, grupos ou comunidades socialmente sub-representados, desprotegidos ou vulneráveis a estereótipos, percepções e atribuições negativas” (p. 4). Os mesmos autores salientam ainda a necessidade de propostas que visem a interseccionalidade, abrangendo o maior número de categorias sociais, assumindo que: “a linguagem pode ser uma condição estrutural que deixa todas as pessoas que não se incluem na categoria de gênero masculino em desvantagem, contudo, nesta reestruturação de poder não se podem excluir outras categorias identitárias” (p. 9), aqui estão incluídas as críticas a formas de inclusão que utilizem barras ou símbolos extra alfabéticos, por poder “ser especialmente desafiante para pessoas com dificuldades de leitura, diagnóstico de dislexia...”(p. 9), crítica já referida por Schwindt (2020). No caso em particular da utilização de uma linguagem mais inclusiva com recurso a neopronomes tentamos incluir um coletivo generalizado, independentemente do gênero, esteja este dentro do binário ou não.

Para fazer face às problemáticas encontradas nas opções de neutralização/inclusão anteriores, nas últimas décadas, temos assistido à criação de várias propostas de neopronomes, em vários países de línguas oficiais com género gramatical. Devido às suas características de formação não-padronizada nem dicionarizada na língua, estas permanecem meramente opções de utilização informal ou semi-informal. Diferentes das propostas anteriormente enumeradas, estas procuram uma modificação flexional de outros pronomes existentes na língua, para uma maior facilidade de integração no quotidiano de falantes. Os sistemas ELU/DELU (pronunciado *élu* ou *êlu*) e ILE/DILE, com variante ILU, surgem como derivações do latim *illud*, sendo estes os que mais vingaram no tempo e os que são hoje mais amplamente utilizados. Outras propostas, mas de menor projeção, incluem: ÊLA e ELO, este último utilizado na década de 1970 entre comunidades travestis no Brasil.

A sua utilização está longe de ser ampla e difundida. Muitas vezes ridicularizada e tida como um movimento inconsequente por camadas mais conservadoras da sociedade, que tendem a referir-se a todos os estudos e iniciativas sociais no âmbito do feminismo e da promoção da igualdade de género como Ideologia de Género, um termo neoconservador, relativamente recente, que infere que qualquer alteração às definições pré-estabelecidas de género como uma conspiração que visa corromper a “família tradicional” e a “ordem natural” humana, numa retórica assumidamente anti-LGBT. Tanto em Portugal como em outros PALOPs, nomeadamente o Brasil, posições divergentes coexistem, com algumas associações e instituições a adotarem este tipo de linguagem como forma de marcar uma posição política. A natureza própria deste tipo de neologismo torna-o perfeito para adoção em círculos mais jovens e, também por isso, suscetíveis a mudança. Por outro lado, camadas mais conservadoras da sociedade opõem-se intensamente à sua utilização, citando as razões acima descritas, mas também pela suposta desvirtuação da língua portuguesa que frequentemente referem como algo que não pode ser atualizado e/ou alterado. Ophelia Cassiano, grande impulsionadora da

linguagem neutra através do Sistema ELU/DELU e coautore do Guia para “Linguagem Neutra” na norma brasileira, refere:

“Não basta funcionar para um indivíduo, se não funciona em sociedade. O pronome “Elu”, é o único que apresenta menos problemas na sua adaptação. Funciona perfeitamente na fala oral, na escuta auditiva, na escrita, e na identificação visual (cria semelhança entre “ela, ele, elu”). Além de gerar menos estranhamento, já que o foco de sua criação é a inclusão, e não de criar um distanciamento e desmotivação na hora de todas pessoas aprenderem. Sejam elas comunicadoras, escritoras, leitoras, videntes, cegas, falantes, mudas, ouvintes, surdas, sinalizadoras, intérpretes ou tradutoras. Estamos lidando com um grande avanço no idioma, e um pronome precisa funcionar em todas situações. É uma questão delicada que não deve ser analisada de um ponto de vista individual, e sim social.” (Cassiano, et al., 2019, s/p)

Cassiano, ao elaborar em 2019 o Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR), contextualiza a necessidade social para a inclusão de pessoas não-binárias e agênero na língua portuguesa e introduz o leitor a mais de 80 regras gramaticais e possíveis alterações, todas apresentadas seguidas de exemplos práticos que, na sua opinião, são de extrema importância para familiarizar o leitor cisgênero com a linguagem neutra: “Sua mente precisa se acostumar, se habituar e se familiarizar com essas palavras novas. Até que elas deixem de ser estranhas ao serem ditas.” (Cassiano, et al., 2019, s/p).

Em suma, as grandes diferenças pronominais dos vários sistemas neutros propostos podem ser observadas no seguinte quadro:

Tabela com os pronomes em todos os sistemas

Pronomes	Sistema Elu	Sistema Ile	Sistema Ilu	Sistema El
Ela/Ele	Elu	Ile	Ilu	El
Elas/Eles	Elus	Iles	Ilus	Els
Dela/Dele	Delu	Dile	Dilu	Del
Delas/es	Delus	Diles	Dilus	Dels
Nela/e	Nelu	Nile	Nilu	Nel
Nelas/es	Nelus	Niles	Nilus	Nels
Aquela/e	Aquelu	Aquile	Aquilu	Aquel
Aquelas/es	Aquelus	Aquiles	Aquilus	Aquels

Figura 1: Fonte: Almeida, G. C. (2020). Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa.

Incluindo ainda outros tipos de declinações, podemos encontrar propostas similares, e por vezes até iguais, nos vários sistemas neutros. Quanto a terminações de substantivos e adjetivos, Gioni Caê Almeida, autore do “Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa”, utiliza, inspirando-se no modelo produzido por Cassiano, os seguintes exemplos:

1- Quando a palavra termina em -a/-o, substituir por -e:

- a) Filho/a: Filhe
- b) Lindo/a: Linde
- c) Esposo/a: Espose

2- Quando a palavra termina com -co/-ca, substituir por -que:

- a) Médico/a: Médique
- b) Autêntico/a: Autêntique
- c) Técnico/a: Técnica

3- Quando a palavra termina em -go/-ga, substituir por -gue:

- a) Amigo/a: Amigue
- b) Cego/a: Cegue
- c) Psicólogo/a: Psicólogue

4- Quando a palavra termina em -ão/-ã, substituir por -ane(s):

- a) Irmão/ã: Irmane
- b) Irmãos/ãs: Irmanes
- c) Capitão/ã: Capitane
- d) Capitães/ãs: Capitanes

5- Quando a palavra termina em -ão/-ona, substituir por -one(s):

- a) Chorão/ona: Chorone(s)
- b) Grandão/ona: Grandone(s)

6 - Quando a palavra termina em -r/-ra, substituir por -re (no singular) e por -ries (no plural):

- a) Trabalhador/a: Trabalhadore
- b) Trabalhadores/as: Trabalhadories
- c) Administrador/a: Administradore
- d) Administradores/as: Administradories
- e) Professor/a: Professore
- f) Professores/as: Professories

7- Quando a palavra termina em -ês/-esa, substituir por -ese/-esu:

- a) Português/esa: Portuguese/Portuguesu
- b) Camponês/esa: Camponese/Camponesu
- c) Japonês/esa: Japanese/Japonesu

Fonte: Almeida, G. C. (2020). Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa. Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

E ainda possíveis substituições para artigos definidos e indefinidos:

1- No caso de artigos definidos substituímos o/os e a/as por ê/ês* ou le/les:

- a) Ê Carlos é muito esperto.
- b) Le Ariel é linde.

Podendo optar por, simplesmente, suprimir o artigo, por exemplo:

- a) Carlos é muito esperto.
- b) Ariel é linde.

Almeida refere que: “Muitas pessoas defendem o uso do acento circunflexo no artigo definido neutro (ê) para diferenciar da conjunção “e”; utilizando o acento, facilita a diferenciação visual entre ambos e auxilia pessoas com dislexia.”, sendo na sua opinião a utilização de “ê” preferencial.

2- No caso dos Artigos indefinidos substituímos um/uns e uma/umas por ume/umes:

- a) Elu é ume ótime chefie de cozinha.

Fonte: Almeida, G. C. (2020). Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa. Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Inúmeros exemplos como estes são utilizados, tanto por Almeida, como por Cassiano, para esclarecer o maior número de situações onde a utilização de linguagem neutra requer modificações à gramática normativa. O seu trabalho é imprescindível para esclarecer aquele que é um assunto ainda muito pouco normalizado e onde dúvidas sobre a utilização surgem regularmente, encontrando, por vezes poucas respostas.

Parte do sucesso, ou não, de uma iniciativa como esta: de delinear propostas alternativas de utilização e adaptação da língua, estende-se à facilidade de acesso a recursos. A sistematização e produção de gramáticas para este tipo de sistemas é de extrema importância para dar legitimidade ao movimento e, ao mesmo tempo, para disseminá-lo por um maior número de pessoas predispostas à sua utilização.

1.2 Jovens *Queer* e a Necessidade de Pertença

É importante reconhecer o quão importantes são as redes sociais e outras novas formas de comunicação para a propagação de ideias e sentimento de pertença para a comunidade LGBTQIA+. Segundo o estudo da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (OIEC) (2022):

“As pessoas com uma identidade não-binária não têm disponível uma adequada categoria de registo, ao contrário do recomendado nos Princípios de Yogyakarta (Princípio 31º). Não existe também, na lei portuguesa, a possibilidade da não menção ao sexo nos documentos de identificação...”. (p. 55)

Assim, historicamente marginalizados e sem proteções legais, os seus membros sempre recorreram a gírias e linguagens próprias como forma de identificação e afirmação juntos dos

seus semelhantes. Estes círculos, denominados *queer*, reapropriando a expressão inglesa derogatória para estranho ou esquisito, ganham força e encontram conexões significativas nas redes sociais, onde indivíduos, antes isolados, se congregam. É nestas mesmas plataformas que muitas novas ideias de linguagem nascem e começam a ser adotadas e utilizadas espontaneamente, sem grandes regras ou imposições, exatamente como forma de acolher e acomodar o maior número de pessoas possível. A notória falta de vocabulário *queer* em português, nomeadamente na sua variante europeia, leva a que muitos jovens LGBTQIA+ procurem, cada vez mais, conteúdo anglo-saxónico, na busca por histórias com que se identifiquem e em que se sintam representados. Esta falta de inclusão cultural será uma possível falha a colmatar para a expansão do nicho literário de temáticas LGBTQIA+, sobretudo em literatura direcionada para os mais jovens.

Reparemos nos seguintes exemplos transcritos da rede social X:

— *"Amigues Lembram-se de vos falar daquele gajo well read, que gosta de gatos etc etc?"*

Cancela, encontrei um melhor que ainda por cima tem a voz bué gostosa Se houverem [sic]

red flags vou tar assim 🐣🐣🐣" - @danussy

— *"queria ir acampar mas montanhas e fazer cafézito para aquecer a alma sabem (dica p road trip amigues)" - @cltvgr*

— *"procuro amigues tucas que vão ver o power of love dia 23 no el corte ingles!!!! im alone!!!! besties deem retweet quero companhia T—T" - @gyummunism*

— “*So, será que este tweet chega a kpopers tugas, já que quero mais amigos para ir ao time?*”

👉👈 “- @horumora²

Todos os utilizadores acima referidos identificam-se, nos seus perfis públicos, como portugueses e membros da comunidade LGBTQIA+. A utilização de “amigos” não pressupõe que todos os seus seguidores e conhecidos se identifiquem como pessoas não-binárias; mas sim, a irrelevância de género. “Amigos” parece indicar uma versão, não só mais económica do tradicional, “Amigos e amigas”, mas também mais inclusiva, algo que “Amigos/as” ou o simples “Amigos [masculino neutro]” não conseguem expressar na totalidade.

É notória a utilização mesclada de português e inglês nas redes sociais em falantes de português, norma europeia.

Segundo Cunha (2021):

“não é raro elementos da comunidade trans e não binária em Portugal recorrerem ao inglês, o qual possibilita uma marcação menos absoluta de género, quando se querem referir a si propri@s, construindo segmentos como “estou tão mad” em vez de “zangado/a”, evitando a sua auto-determinação[sic] de género – o falante não está só a projetar múltiplas identidades (a portuguesa e a global) como promove múltiplas interpretações da sua mensagem, servindo-se das estruturas que as duas línguas lhe disponibilizam.” (pp. 56-57)

Isto sugere que jovens *queer* procuram ativamente uma comunidade em que se sintam acolhidos, e não encontrando na sua língua materna forma de se expressar, procuram conforto *online*, com os seus pares, muitas vezes em espaços onde a língua franca é o inglês.

² É de salientar que a utilizadora @horumora não utiliza expressamente inglês na sua publicação sendo que aqui “time” se refere, possivelmente, ao café “BUBBLE TIME”, em Lisboa. E “kpopers” se refere a fãs do género musical k-pop, o termo utiliza regras gramaticais inglesas, mas não consta como palavra integrante da língua e, portanto, não será contabilizada para este propósito.

A incapacidade da língua portuguesa em dar resposta a toda uma parte da sociedade, que não se sente ouvida e representada, torna-se assim uma forma de exclusão social. Lúcia Vicente, autora de “No meu Bairro”, refere que, no seu livro, pretende: “Por um lado, [...] mudar os estereótipos que existem na sociedade e, por outro, [...] tornar a diversidade visível para que se possa finalmente normalizar.” (p. 7). Esta “invisibilidade” da diferença é, possivelmente, uma das razões por que questões relacionadas com a autodeterminação de género, problematizações da não-binariedade de género e da sua vertente mais social do que biológica sejam ainda tão pouco discutidas em Portugal.

Quando falamos da comunidade brasileira utilizadora da plataforma X, a diferença é notória. O inglês é muito menos utilizado e a utilização do neopronome “elus”, para caracterizar um grupo cujo género é desconhecido ou irrelevante, é amplamente utilizada, tanto em contextos de temática LGBTQIA+ como fora deles.

Grandes plataformas de *mass media* no Brasil utilizam já neopronomes, sendo o sistema ELU/DELU o mais utilizado. A sua utilização não se encontra assim restrita às redes sociais e a círculos *queer*, mas começa a ser inserida no vocabulário disseminado em larga escala sendo usado em noticiários televisivos e por comentadores em relatos desportivos na rádio.³

Em Portugal, a linguagem neutra é menos difundida, sendo a Rede ex aequo, associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes, pioneira na sua utilização.

³ Narradora e comentarista do SporTV usam pronome neutro para se referir a atleta e ganham elogios nas redes (2021, 21 de julho). GSHOW. <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/narradora-e-comentarista-do-sportv-usam-pronome-neutro-para-se-referir-a-atleta-e-ganham-elogios-nas-redes.ghtml>.

2. Linguagem Neutra na Literatura

Na literatura escrita em português a utilização de sistemas de neopronomes neutros é rara, e esmagadoramente utilizada em tradução do inglês para traduzir personagens não-binárias que utilizam os pronomes *they/them* na sua forma singular, muito mais corrente no mercado anglo-saxónico, com particular incidência em livros inseridos no género *Young Adult* (YA). A popularidade do género, que ganha tração através de comunidades de leitores nas redes sociais como o *Instagram* (“Bookstagram”), ou o *TikTok* (“Booktok”), são particularmente apelativas para jovens leitores *queer* que se reveem em histórias de crescimento e aceitação pessoal onde temas LGBTQIA+ são prevalentes. Para Magalhães e Santana (2023):

“...quando estamos falando de uma literatura voltada para um público em formação, principalmente um público LGBTQIAP+ que não se vê representado nestes clássicos e que precisa dessa representação não apenas como confirmação de lugar de mundo, mas também para construção de identidade e reafirmação de possibilidade de existências, o YA, bem como o Bildungsroman queer são fundamentais para que estes leitores se encontrem, se entendam e principalmente, se vejam representados no mundo e na arte.”
(p. 30)

Seguindo este raciocínio, o mercado emergente para este tipo de livro de transição, uma nova nomenclatura de separação de livros por faixa etária, é prolífero. Histórias de crescimento pessoal são particularmente recorrentes: em que personagens, normalmente com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, se veem confrontadas com obstáculos aparentemente intransponíveis, muitas vezes utilizados como metáforas para o início da vida adulta. Sendo YA um termo que designa essencialmente uma faixa etária e não um género único, temas LGBTQIA+, não como foco central da narrativa mas como uma parte acessória caracterizante de uma ou várias personagens, são comuns e espalhados por uma panóplia de géneros literários.

Aqui, ainda segundo os mesmos autores: “O Bildungsroman queer privilegia narrativas LGBTQIAP+ escritas e protagonizadas por pessoas que se encaixam nestas nomenclaturas e fogem daquilo que Judith Butler define como matriz heterossexual” (p. 30). Podemos, assim, observar a emergência de um conjunto de leitores, mas também escritores, que procuram ativamente rejeitar uma matriz cis-heteronormativa nas suas histórias, criando assumidamente ambientes de celebração *queer*. Estes temas são incluídos muitas vezes em géneros como a fantasia ou a ficção-científica, também pela sua maleabilidade no que toca a construções sociais. No entanto, não há que descorar a enorme influência que o romance contemporâneo, muitas vezes incluído na categoria/género YA, tem exercido para aumentar a oferta de livros com personagens que não se inserem no padrão cis-heteronormativo.

O que parece diferenciar, e consequentemente aproximar um público *queer* mais jovem a histórias YA com temáticas LGBTQIA+, é precisamente a leveza e naturalidade com que pessoas não cis-hetero são encaradas nestas histórias. Enquanto clássicos da literatura *Queer* tendem a espelhar a dura realidade de quem vive num corpo marginalizado numa sociedade patriarcal heteronormativa, as narrativas *queer* voltadas para um público mais jovem tendem a focar-se nos aspetos positivos e idealizados das relações interpessoais de indivíduos LGBTQIA+, normalmente rodeados de famílias e amigos solidários e compreensivos que combatem ativamente quaisquer sentimentos de homofobia, chegando esta, por vezes, a ser um não fator na narrativa. Henderson (2021) menciona:

“...there are still many YA works of contemporary realism that feature coming-out plotlines and examine the various struggles queer youth may face in a world that marks them as other, but there are also an increasing number of works that skew this trend – either avoiding or omitting those elements altogether, or making them a background plot to an alpha narrative that is more obviously in line with genre fiction.” (p. 6).

E ainda:

“Many contemporary YA writers are switching young queer characters into narratives usually considered mainstream or commercial and thus heteronarrative. Novels [...] place queer protagonists into superhero narratives; [...] place same-gender love stories at the heart of the sweet and sappy tropes of the summer rom-com, where the conflict comes from interpersonal fractures and character flaws rather than homophobic outside forces threatening to keep the couple apart.” (p. 6)

Judith Roof (1996) utiliza o termo “heteronarrativa”, assumindo que mesmo narrativas *queer* correm o risco de compactuarem com a heteronormatividade. Roof considera:

“If the lesbian character’s visibility is the end product of a narrative struggle between inner and outer that results in knowledge about sexual truth and identity, then coming out stories embody the same reproductive narrative trajectory as dominant cultural stories.” (p. 106)

A subversão de um ambiente hostil a personagens *queer*, ambiente este esperado e recorrente, ao ser substituído por um em que a heterossexualidade cisgênero não é necessariamente representada como sendo padrão, é uma das formas de luta pela normalização de vivências que desafiam o *status quo*: Uma história sobre a “saída do armário” de certa personagem só é válida pela suposição de heterossexualidade. É fácil de compreender o encanto que este tipo de narrativas tem num público que está, talvez demasiado, habituado a ver as suas experiências marginalizadas e postas em causa. Assim, assistimos a um crescente número de publicações enquadradas na literatura “Jovem Adulto” que centram os seus enredos em histórias *queer*, que subvertem expectativas de gênero e de relações interpessoais de cariz homossexual.

2.1 Casos de Estudo: O *Neutro* em Tradução

Apesar dos avanços em literatura dita *queer*, a representação de pessoas não binárias ou de género neutro dá ainda os primeiros passos, sendo a esmagadora maioria das publicações tradicionais em circulação importações do mercado inglês, com especial destaque para os Estados Unidos. Estes títulos, muitas vezes grandes sucessos de vendas, são rapidamente importados para o mercado nacional onde utilização de *elu/delu* é uma das estratégias mais utilizadas, se bem que não a única. Ainda assim, a sua utilização é restrita aos casos em que qualquer outra forma de omissão de género seja impossível. Repare-se nas seguintes opções tomadas por editores portugueses e brasileiros em tradução para os *blurbs* do seguinte livro:

Em, de *I Wish You All the Best* (2019) de Mason Deaver, editado pela Push nos EUA, encontramos⁴:

“When Ben De Backer comes out to their parents as nonbinary, **they**'re thrown out of **their** house and forced to move in with **their** estranged older sister, Hannah, [...]. Struggling with an anxiety disorder compounded by **their** parents' rejection, **they** come out only to Hannah, Thomas, and **their** therapist and try to keep a low profile in a new school.

But Ben's attempts to survive the last half of senior year unnoticed are thwarted [...].”

Quero Apenas o Melhor para Ti (2023), tradução de Célia C. Loureiro, Desrotina, Portugal:

“Quando Ben De Backer decide revelar aos pais que se identifica como uma pessoa não-binária — não é um rapaz, nem uma rapariga —, **elu é expulso** de casa e tem de ir viver com a sua irmã mais velha, Hannah, [...]. Porém, os seus esforços para passar **despercebido** não duram muito [...].”

Desejo a Você as Coisas Mais Belas (2024), tradução de Vic Vieira, Editora Alt, Brasil:

⁴ As passagens são todas retiradas das páginas do *Goodreads* das respetivas edições.

“Ben De Backer se assume não **binárie** para os pais; **elu** é **expulse** de casa e é **obrigade** a se mudar para a casa da irmã mais velha; Hannah; [...], **elu** se esforça para não chamar atenção no colégio; mas suas tentativas são frustradas quando [...]”.

É interessante reparar nas semelhanças entre as traduções portuguesa e brasileira. Talvez por inspiração, talvez por falta de melhores alternativas ambas as tradutoras optam por utilizar “elu” em duas ocasiões e terminação neutra em outras duas. Vieira (2024) utiliza ainda uma terminação neutra na palavra “binárie”, utilizando-a como descritivo da personagem Ben, enquanto Loureiro (2023) emprega a expressão “pessoa não-binária” fazendo assim concordância com a palavra pessoa (feminino) e não com Ben (neutro), como na edição brasileira.

A utilização de neopronomes é utilizada comedidamente, de forma a evitar ao máximo qualquer tipo de desconforto ao leitor. O sistema ELU/DELU é também de longe o mais utilizado, não existindo à data da publicação desta dissertação, em Portugal, obras de referência literária que utilizem qualquer outro sistema como forma de tradução do inglês: *they/them*, com uso singular. Outras opções são utilizadas para a tradução de outros sistemas de neopronomes, como teremos a oportunidade de observar na tradução de “Género Queer”, de Maia Kobabe. Mais do que a utilização de elu é a concordância no género neutro que é a mais evitada: com os editores a optarem por utilizar outro tipo de estratégias de eliminação de marcação de género sempre que possível. Na edição portuguesa de “As Mulheres Impiedosas”, de Namina Forma, onde existem membros da sociedade classificados como pertencendo a um terceiro género, o grupo LeYa, “opta pela não classificação dos sujeitos quanto ao género, com a adjetivação a

seguir a mesma linha inclusiva.”⁵. Eliminado a pronominalização em todas as referências a estas personagens.

Em "Lendários" de Tracy Deonn, publicado em 2022, pela Desrotina Editora, que inclui uma personagem não-binária, este é mencionado pelo nome 93 vezes, sendo que só existem 6 menções ao pronome “elu”.

Dos livros publicados em Portugal que incluem menções a linguagem neutra, apenas “Género Queer” (2023), autobiografia ilustrada por Maia Kobabe, emprega para além do sistema ELU/DELU, que também se encontra presente na obra, um outro conjunto de neopronomes. O sistema de pronomes de Spivak na sua variante de 1991: E/Em/Eir, que Kobabe também utiliza. Na edição portuguesa da Edições ASA, opta-se pela adaptação deste sistema para português seguindo os termos ingleses. Assim, o leitor depara-se com segmentos como:

- a) “Eu uso pronomes Spivak **e, em, eir**. Como em “pergunta a **em** o que **e** quer no chá **deir**.” (p. 189)⁶

Esta é uma decisão editorial diferente do habitualmente praticado. Em que, sempre que possível, a edição portuguesa tenta ao máximo adaptar a utilização de neopronomes para formas já propostas por membros *queer* luso-falantes. A decisão editorial parece dever-se à intenção de respeitar os pronomes utilizados por Kobabe. Não existindo uma proposta de tradução satisfatória para um conjunto de pronomes de utilização tão limitada, a equipa editorial decide assim aplicar regras gramaticais portuguesas ao sistema inglês. Podemos ver estas adaptações especificamente na conversão de “eir” em “eir tea” (Kobabe, 2019, p. 190) (pronome

⁵ Declaração do Grupo LeYa para o artigo da Revista TimeOut: da Silva, R. D. (2023, 22 agosto) “Linguagem neutra. Queremos respeitar a língua ou as pessoas?”. TimeOut Lisboa. <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/linguagem-nao-binaria-queremos-respeitar-a-lingua-ou-as-pessoas-082223>.

⁶ Na edição em inglês: “I use the Spivak pronouns e, em, eir, as in “Ask em what e wants in eir tea” (Kobabe, 2019, p.190).

possessivo) para “deir” em “chá deir” (Kobabe, 2023, p. 189), semelhante às construções de dele/dela em português padrão.

Esta é uma abordagem diferente daquilo que parece ser a norma, mesmo em casos como este, da linguagem neutra, ainda em fase experimental e onde as regras são poucas e parecem ser ainda maleáveis de acordo com as necessidades específicas de cada obra.

2.2 Casos de Estudo: Inovação “No Meu Bairro”

O livro de Lúcia Vicente, com ilustrações de Tiago M., “No Meu Bairro”, editado em setembro de 2023 pela Nuvem de Letras, uma chancela do Grupo Editorial Penguin Random House, torna-se um caso interessante de analisar, não só pela sua inovação, sendo o primeiro livro de autoria portuguesa a ser editado com a utilização de pronomes neutros, mas também pela reação intensa com que foi recebido pelo público.

O livro é composto por uma nota introdutória escrita pela autora sobre as razões que a levaram a escrever um livro com uma temática de inclusão enquanto professora e educadora. Esta reflete: “Es ouvintus e leitorus das histórias, por seu lado, poderão facilmente identificar-se (o que es ajudará a aceitar-se, a respeitar-se a si mesmas e a promover a sua autoestima)”. (p. 7), interpelando o leitor com uma linguagem inclusiva, representando bem os conteúdos e intenções da sua obra. Acrescenta ainda que escreveu “...este livro a pensar, muito concretamente, na disciplina de Cidadania, o parente pobre das demais disciplinas, em que, na maioria das vezes, es profesorus sentem falta de materiais didáticos para trabalhar em sala de aula.” (p. 7).

O livro conta ainda com material de apoio a pais e educadores, com uma extensa lista de recursos e explicações sobre cada um dos temas abordados em cada história.

Assim, com esta proposta didática, o livro é composto por 12 pequenas histórias em verso, todas ilustradas por Tiago M., onde são apresentadas 12 crianças distintas com diferentes

experiências de vida. Das 12 histórias, 7 incluem linguagem inclusiva, utilizando o sistema ELU/DELU:

1) *Maria Miguel Quer Descobrir o Seu Papel*

- a) “**Elu** não se importa,” (v. 3)
- b) “quando acorda, **estremunhade**,” (v. 17)
- c) “Mas **es adultes** estão sempre” (v. 25)

2) *Beatriz, a Cigana Feliz*

- a) “Contou como **es Rom, es Sinti e es Calons**” (v. 20)

3) *João Vivia na Escuridão*

- a) “Pais e **professorus** conversaram” (v. 28)

4) *Daniela, a Feminista à Janela*

- a) “É alguém que acredita que **todes**” (v. 20)
- b) “**Juntes** lutamos pela igualdade e também pela liberdade” (v. 23)
- c) “doutros tempos e **des Capazes**” (v. 29)
- d) “**Es primes** juntaram-se a ela e a partir daquele dia,/ mesmo depois da pandemia, ficou conhecida por **todes**” (vv. 35-36)

5) *Magalhães, o Menino que Tinha Duas Mães*

- a) “Ele sabia que nem **todes**” (v. 11)

6) *Emanuel e o Lápis Cor de Pele*

- a) “com piratas algo **perdides/ e cavaleires aventureires**” (vv. 4-5)
- b) “Olha bem para **es** colegas” (v. 12)

7) *Rodrigo quer ir Comprar um Vestido*

- a) “Pouco depois, já **todes** sabiam” (v. 25)

b) “por Rodrigo, estavam **todes unides.**” (v. 29)

Figura 2) Dupla página de "No Meu Bairro" (2023)

É de realçar que no livro só uma personagem nomeada se identifica como “não-binária”, Maria Miguel, personagem principal da primeira narrativa, ainda que esta nomenclatura não seja utilizada. É referida com “elu” (Caso 1; a), este que aparece apenas uma vez ao longo de toda a obra. Com a exceção deste caso em particular, todas as outras referências a linguagem inclusiva são utilizadas para denominar um conjunto de indivíduos cujo género desconhecemos. São exemplos segmentos como: “es adultes” (Caso 1; c); “professorus” (Caso 3; a) e “Jntes” (Caso 4; b). A terminação em *-us*, em “professorus”, trata-se de uma curiosa alteração por parte de Vicente que a preferiu à mais comum terminação do plural para palavras como a sua forma masculina acabada em *-e* que propõe o sistema ELU/DELU: *-ies*. Sendo que na utilização recomendada pelo sistema o segmento “Pais e professorus conversaram”, escrever-se-ia “Pais e professories conversaram”. Este tipo de alteração reflete a natureza flexível destes sistemas descentralizados e não codificados, criados e alterados para responder às necessidades dos falantes.

Vicente abre assim as portas para mais literatura infantil portuguesa que desafie convenções sociais contemporâneas. A literatura infantil tem segundo Emanuel Madalena (2017): “[o] poder [...] para influenciar a mundividência e personalidade dos leitores” (p. 161). Enquanto vários livros infantis são hoje publicados com temáticas LGBTQIA+, a esmagadora maioria são títulos importados do mercado inglês, sendo a obra de Vicente um verdadeiro marco para o desmantelamento de temas tabu, contribuindo para uma literatura “mais rica e variada, capaz de melhor espelhar a variedade de histórias de que é feito o mundo” (Madalena, 2017, p. 161). Ainda segundo Madalena (2021), vemos na literatura infantil publicada uma grande tendência para aquilo a que chama “livros dos vestidos”, uma simplificação, talvez demasiado redutora da experiência transgênero na infância, que depois se repercute na opinião pública, e na maneira como abordamos este tema com os mais jovens. Madalena caracteriza “livros dos vestidos” como sendo uma temática recorrente em livros infantis, onde um personagem principal não se conforma com as expectativas performativas de gênero impostas pela sociedade em que se insere. Esta inconformidade manifesta-se, muitas vezes, no uso de vestidos. Madalena afirma que: “de forma geral estes livros contam a história de um menino que gosta de usar vestidos, atitude que suscita resistência nos outros.” (p. 163) Esta formulação narrativa, bem como as “alegorias da diferença” (onde um personagem é ostracizado por ser diferente) pertencem, ainda segundo Madalena, “a um terceiro grande grupo de livros que, em geral, os precede: os livros que questionam e/ou subvertem os papéis e estereótipos de gênero.” (Madalena, 2021, p. 286). A recente emergência de um conjunto de livros que procuram subverter aquilo que é contemplado como masculino, não passa despercebida ao autor que a caracteriza como:

“uma necessidade mais premente de normalizar um menino que gosta de usar roupas conotadas com o feminino, e não o contrário. Isto, claro, vai ao encontro do que se verifica na realidade, como referido recorrentemente, onde a vigilância da masculinidade e a universalização dos símbolos masculinos dificultam a aceitação da

diversidade de género em indivíduos conotados biológica e/ou medicamente como do sexo masculino.” (p. 288)

O impacto da subversão de papéis de género feito por indivíduos conotados como do género masculino é mais relevante e ocupa indiscutivelmente um espaço maior no coletivo de livros infantojuvenis que abordam estas temáticas. Talvez porque o tropo literário da “maria-rapaz” seja não só mais explorado tradicionalmente, mas também mais aceite socialmente. Uma sociedade patriarcal é favorável à fomentação de atitudes de subversão de papéis de género para aqueles que se veem numa posição de “segundo sexo”. Madalena refere exemplos como o conto de *Mulan*, e as suas subsequentes adaptações cinematográficas, onde encontramos o tropo da princesa-guerreira que: “se vestem com roupas conotadas com o masculino para de alguma forma acederem a um estatuto, espaço e/ou atividade tradicionalmente reservada aos homens.” (p. 287). Onde “este tipo de travestismo é habitualmente considerado heroico”, por oposição “ao travestismo de personagens masculinas – apresentado maioritariamente de forma satírica e jocosa.” (p. 287). Ainda que importantes, as subversões de papéis de género por personagens tidas como femininas são, na sua esmagadora maioria, influenciadas pela inconformidade com expectativas sociais e não necessariamente com algum tipo de disforia de género.

Temáticas tão complexas e tão únicas e pessoais como as de autodeterminação e identidade de género requerem simplificações para serem devidamente apresentadas a um público infantil. Estas alterações são não só esperadas como necessárias. Será, no entanto, preciso compreender que a simplificação exagerada poderá ser contraproducente. Reduzir o transgénico e a disforia de género à não-conformidade com papéis de género social não será suficiente para englobar as experiências de crianças e jovens que não se enquadram no binário de género em que foram colocados à nascença.

Mais do que uma generalização, o tropo dos “meninos de vestido”, agudiza a dualidade menino/menina. Ao acentuar a dicotomia entre papéis de género femininos e masculinos, estas histórias perpetuam ainda mais os preceitos que dizem pretender romper. Se um “menino de vestido” é necessariamente uma menina, então não encontramos espaço para explorar outras formas de existir e não vamos além do binário pré-concebido. O autor admite, no entanto, uma evolução em títulos mais recentes, que começam a apresentar subtextos transgénero mais demarcados, ainda que metaforicamente com a ajuda de “meninos de vestido” (Madalena, 2021, p. 164).

É ainda importante referir que livros não precisam de “ser” sobre identidade de género/transgeneridade, para abordarem, de forma casual e com naturalidade, identidades fora do binário de género. Madalena (2017) refere exemplos de temáticas como o divórcio e a homossexualidade, que, se antes eram tema principal de um segmento de literatura infantojuvenil, hoje, mais normalizados, são “uma característica por vezes lateral ou acessória, não determinante para a narrativa” (p. 166). A importância da literatura infantil na formação de uma criança é notória e fundamental, mais ainda se tivermos em conta que este será um dos primeiros contactos que uma criança terá com realidades e vivências diferentes da sua. Uma criança criada numa família duo-parental heteronormativa, poderá não imaginar que outras crianças vivem com famílias estruturadas de forma distinta (tema explorado, por exemplo, no livro “Álbum de Famílias - Todas Diferentes e Especiais”, de Susana Amorim e Rute Agulhas, com ilustrações de Inês do Carmo).

Assim, a literatura infantil é duplamente importante na formação de uma criança pelo seu poder de normalizar sentimentos inerentes à própria criança, visto que segundo Madalena, citando ainda: Brill e Pepper (2008); Cano Oncala, Esteva Antonio e Bergero (2006); Gavilán (2018); GillPeterson (2018) e Platero (2014), “uma vez que a diversidade de género manifesta-se (ou

pode manifestar-se) logo na primeira infância” (Madalena, 2021, p. 6), e ainda de normalizar as vivências experienciadas pelo outro.

3. Editar ~~Neutro~~ Inclusivo

Editar fora dos parâmetros já convencionados nem sempre é um trabalho recompensante financeiramente. Ainda assim, o papel destas edições, notoriamente diferentes, não deve ser menosprezado. Falamos de decisões editoriais que, quer por rebeldia quer por desejo genuíno de progresso social, promovem não só a normalização de vivências diferentes como também a implementação de possíveis novos padrões de linguagem.

Encontramo-nos ainda, pelo menos no panorama editorial português, numa fase muito inicial e de grande experimentação no que toca à edição literária com personagens não-binárias. Sem grandes diretrizes de normalização, é essencial que estas editoras pioneiras criem aquele que pode ser considerado um novo “normal”, ou quiçá, uma pluralidade de “novos normais”, sistematizando e padronizando as suas publicações com recurso a linguagem inclusiva que, se abraçada e adotada pela comunidade de falantes, pode levar a verdadeiras mudanças na língua portuguesa. É de salientar que o tipo de mudanças sociolinguísticas aqui propostas são demoradas e os contornos que tomarão são imprevisíveis e dependentes de múltiplos fatores. Estarão gerações futuras tão habituadas ao *elu/delu* que lhes parecerá estranho a inexistência desta forma de pronominalização em textos que o precedem, ou estarão mais habituados a outras formas de tratamento, que hoje ainda desconhecemos? Estas são questões impossíveis de responder. Poderemos, no entanto, expectar que os contornos que a discussão de temáticas de género e representação tomaram na nossa sociedade atual serão fundamentais para moldar mentalidades e formar opiniões daqueles para quem hoje este é ainda um assunto a desenvolver.

3.1 Públicos (Leitores): Contestação Organizada

Como com qualquer forma de mudança de conceitos há muito estabelecidos é normal e expectável um certo nível de contestação e divergência de várias camadas da sociedade. O descontentamento com este tipo de mudança pode ser mais ou menos intenso, mas a sua existência é inevitável.

Não podemos deixar de analisar o caso mediático do lançamento do livro de Lúcia Vicente, exemplo pertinente do tipo de resistência a que estas publicações estão sujeitas. “No meu Bairro” tinha como data de lançamento 22 de setembro de 2023, sendo a livraria Almedina do Rato, em Lisboa, o sítio escolhido para a sua apresentação. A sessão é então interrompida por “um protesto intimidatório, de megafone na mão”⁷, segundo declarações da própria editora, em comunicado. Depois de reagendada, a apresentação do livro decorreu na Fundação Saramago, também em Lisboa, onde novamente algumas pessoas se reuniram em protesto contra o lançamento. Desta vez, para além de grupos reacionários assumidamente Anti-LGBT, juntam-se também o partido ADN. João Amaral Santos, jornalista da revista *Visão*, escreve:

“A manifestação foi convocada, nas redes sociais, pelo partido ADN – Alternativa Democrática Nacional, presidido por Bruno Fialho, e contou ainda com a presença de outro grupo inorgânico, conhecido por promover, no Telegram, conteúdos nacionalistas e conservadores (e anti-LGBTQI+ e anti-imigração), e que tinha sido o responsável pelos protestos anteriores.”⁸ (para. 2)

⁷ Comentário do Grupo Penguin Random House em comunidade divulgado nas redes sociais. 2023, 25 de setembro. Livro “No meu bairro” tem nova apresentação em Lisboa e editora avalia reedição.TSF. <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/livro-no-meu-bairro-tem-nova-apresentacao-em-lisboa-e-editora-avalia-reedicao-17076596.html/>.

⁸ Artigo da Revista Visão: Santos, J. A. (2023, 29 de setembro) *Grupos Anti- LGBT voltam a protestar contra livro “No Meu Bairro” na Fundação Saramago (com vídeo)*. Visão. <https://visao.pt/atualidade/sociedade/2023-09-29-grupos-anti-lgbt-voltam-a-protestar-contralivro-no-meu-bairro-desta-vez-a-porta-da-fundacao-saramago/>

A formação semiestruturada deste tipo de contestação é notória, com grupos a partilharem o conteúdo entre si com o intuito de criar o maior número de reações/comentários negativos fora da sua bolha de atividade. O próprio *Telegram*, plataforma semelhante ao *Whatsapp*, muito utilizado por grupos de extrema-direita pela escassez de moderação de conteúdo e pelos termos de utilização ambíguos⁹, parece ser particularmente prolífico em grupos como este, referido na peça da revista *Visão*, já que a probabilidade de verem as suas contas suspensas noutras redes por incitação ao ódio seria muito maior. De referir também que, por natureza, o *Telegram* é uma plataforma insular, pelo que os seus utilizadores ao encontrar, muitas vezes, uma câmara de eco ideológica tendem a exprimir o seu descontentamento com diversos temas, descontentamento este já expressado e alimentado pelos seus pares ideológicos em outras redes sociais, estas com utilizadores mais diversos. Como estas comunidades tendem a interagir apenas com publicações sobre as quais tem opiniões opostas, pode parecer, para o leitor casual, que existe uma contestação muito maior, do que o que realmente se verifica.

Desde os protestos iniciais, os pareceres negativos têm-se refugiado maioritariamente em redes sociais com reputações mais incendiárias, ainda que *mainstream*, como o *Facebook* e o *X*, (antigo *Twitter*). Vicente foi alvo de uma campanha de ódio um pouco por todas as redes sociais nas semanas seguintes ao lançamento de “No meu Bairro”, mas é interessante analisar como as opiniões parecem mudar radicalmente dependendo da plataforma escolhida.

No *Facebook*, é difícil de encontrar comentários positivos, ou até neutros:

⁹ Mais sobre a forma como grupos de extrema-direita criam comunidades e espalham ideias através de redes sociais marginais em: Urman, A., & Katz, S. (2022). *What they do in the shadows: examining the far-right networks on Telegram*. *Information, communication & society*, 25(7), 904-923 e sobre potenciais formas de radicalização nestas redes em: Schulze, H., Hohner, J., Greipl, S., Girgnhuber, M., Desta, I., & Rieger, D. (2022). *Far-right conspiracy groups on fringe platforms: a longitudinal analysis of radicalization dynamics on Telegram*. *Convergence*, 28(4), 1103-1126. <https://doi.org/10.1177/13548565221104977>

— “É inacreditável como é que, em meia dúzia de anos, a Penguin Random House passou de ser uma das editoras de referência da minha juventude, que tanto contribuiu para o meu gosto pela leitura, a ser uma tipografia panfletária de coisas sem nenhum interesse destinadas a acéfalos sem sentido crítico. Ainda para mais naquela área que sempre foi o seu forte as crianças e a juventude. Que pena.” Miguel Mendonca, comentário na rede social *Facebook*, numa publicação da Penguin Kids PT partilhada a 29/09/2023.

— “TADINHES DELUS, DECERTEZE QUE FIQUEREM TREUMATIZEDES....” Hugo Ciga, comentário na rede social *Facebook*, numa publicação da Penguin Kids PT partilhada a 29/09/2023.

— “Deixem as crianças em paz, pedófilos disfarçados. Os retardades que foram ao lançamento deste atentato [sic] à língua portuguesa, e às nossas crianças também deviam sofrer uma quixa [sic] no ministério público. Em relação aos retardades do governo é tudo uma cambada de xuxalista [sic].” Paula Fonseca Oliveira, comentário na rede social *Facebook* numa publicação da Penguin Kids PT, partilhada a 11/09/2023.

No entanto são ainda possíveis encontrar comentários positivos:

— “Meu incondicional apoio à Lucia [sic] Vicente. Muitos não querem entender a realidade que está debaixo das próprias narinas e prefere [sic] continuar à [sic] querer deter toda uma gente que vivia no "cantinho" do ostracismo. Agora há espaço para estas vozes e as terão sempre que quiserem. Tenho 64 Anos [sic] e admiro essa coragem de enfrentamento dos que sempre viveram escondidos sob o manto do racismo e do preconceito!” Fatima Rosa De Carvalho, comentário na rede social *Facebook* numa publicação da Penguin Kids PT, partilhada a 11/09/2023.

Se, por outro lado, olharmos apenas para os comentários da rede social *Instagram*, a realidade parece ser completamente diferente:

— “Vou comprar o vosso livro e trabalhar os textos com os meus alunos.” @Leituras.ao.luar, comentário numa publicação de Lúcia Vicente (@lucia_m_vicente), na rede social *Instagram*, partilhada a 11/09/2023.

— “Muitos parabéns! 🙌” @anizabelamaral, comentário numa publicação de Lúcia Vicente (@lucia_m_vicente), na rede social *Instagram*, partilhada a 11/09/2023.

— “Lindo e necessário!! 😊” @poesiapersonalizada, comentário numa publicação de Lúcia Vicente (@lucia_m_vicente), na rede social *Instagram*, partilhada a 11/09/2023.

— “Não conhecia o livro e fiquei a conhecer pelo triste episódio...fico a aguardar para o receber ❤️” @usernameododiogo, comentário numa publicação de Lúcia Vicente (@lucia_m_vicente), na rede social *Instagram*, partilhada a 11/09/2023.

Mesmo os raros comentários não positivos, apresentam um tom neutro e interrogativo, muito diferente do tom dos comentários em outras redes sociais:

— “Todo o conceito do livro está genial, mas porquê a utilização de "pronomes neutros"? Nem na gramática portuguesa, nem em nenhum dicionário existe a palavra "adultes", por exemplo” @lara.luz.1, comentário numa publicação de Lúcia Vicente (@lucia_m_vicente), na rede social *Instagram*, partilhada a 11/09/2023.

Estes comentários, tanto positivos como negativos, encontram-se replicados um pouco por todas as redes sociais. Não pretendendo tirar conclusões no que toca às motivações de cada um destes utilizadores para postar publicamente numa rede social a propósito do lançamento deste livro em particular, será talvez importante compreender as possíveis consequências que este tipo de comentários pode ter num observador neutro. Um estudo publicado pela Erasmus University Rotterdam, nos Países Baixos, onde se pretendia compreender se existe uma correlação entre os comentários numa publicação noticiosa e a perceção dos seus leitores

depois de expostos a esses mesmos comentários. O estudo parece sugerir que um artigo partilhado em redes sociais cujos comentários sejam maioritariamente negativos, suscita mais frequentemente opiniões negativas nos leitores. Os investigadores indicam que: “...we found that negative comments had a negative effect on the readers’ content evaluation. Analyses of the main effects of comment sentiment showed positive comments did not affect the reader as much as negative comments did.”. (Boot *et al.*, 2021, p. 8). Enquanto comentários positivos não suscitam reações mais positivas pelo seu conteúdo, o mesmo não parece acontecer quando o conteúdo comentado é mais incendiário. As implicações são, assim, óbvias: Conteúdo polémico causa, inevitavelmente, uma onda de opiniões negativas. Sendo “No Meu Bairro” um livro infantil, estas opiniões têm o potencial de ser ainda mais intensas, fruto de uma crença, ainda que falaciosa, de que falar de identidade de género é de alguma forma endoutrinar futuras gerações. Segundo o estudo, a probabilidade de um leitor/utilizador partilhar uma publicação com uma secção de comentários negativa decresce (Boot *et al.*, 2021, p. 9), mas não podemos descurar a capacidade que a publicidade negativa tem para propagar uma ideia ou produto. A infâmia também vende, e o livro de Vicente é prova disso. Menos de duas semanas depois da apresentação interrompida de “No Meu Bairro” a editora já previa uma 2.^a edição/reimpressão. Seja por uma necessidade de afastamento de um público ideologicamente oposto, que repudia a ideia de um livro como o de Vicente, ou por outras razões, muitos foram os que correram para, metaforicamente, acudir a autora e partilhar uma resposta positiva ao lançamento, como podemos ver pela secção de comentários do *Instagram* de Vicente. As diferentes demografias de cada uma destas redes sociais podem também ser um fator importante a ter em consideração. O gigante *Facebook*, com 2,9 mil milhões de utilizadores mensais, reporta que quase 50% dos seus utilizadores tem idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos. Por outro lado, o *Instagram*, com 2 mil milhões de utilizadores mensais, contabiliza uma demografia mais jovem,

onde 60% dos utilizadores se declaram como tendo entre 18 e 34 anos¹⁰. Podemos conjetar que a faixa demográfica mais jovem do *Instagram* estaria mais predisposta a conviver com a mudança e o diferente, o que poderá explicar a diferença de tom entre as duas plataformas.

Sendo este um caso particularmente mediático, é natural que encontremos uma maior pluralidade de opiniões sobre este livro do que vemos acontecer com outros lançamentos, incluindo aqueles com temas semelhantes, que não encontram a popularidade, ou talvez, na opinião de alguns, a infâmia, que “No Meu Bairro” obteve. Poderemos assumir que a onda de mediatismo obtido com esta obra alargou, consideravelmente, a esfera de públicos potencialmente interessados em comprar o livro, sendo que, ao mesmo tempo, galvaniza um segmento da população, que de outra forma não estaria interessado num livro infantil, para ativamente mostrar o seu descontentamento com as temáticas expostas.

Serão estes públicos incendiários, mas não leitores, e por conseguinte, não potenciais compradores, uma verdadeira métrica para a receção de livros como o de Vicente junto do público leitor português? A resposta parece estar à vista de todos, a popularidade do livro é inegável. Será também interessante observar, no futuro, como a própria autora e outros professores aplicarão as histórias de “No Meu Bairro”, particularmente na disciplina de Cidadania, para abordar temas de inclusão como proposto por Lúcia Vicente no prefácio do livro. Outros livros que incluem este tipo de linguagem encontram pouca resistência na sua penetração no mercado editorial, julgando pelas sucessivas apostas de chancelas como a Desrotina, parte do Grupo Infinito Particular, e a tração viral que recebem em comunidades de partilha de leituras em plataformas como o *Tiktok* ou o *Instagram*.

¹⁰ Dados retirados de: Clark-Keane, C. (2023, 15 de maio) *Instagram vs. Facebook for Marketing: Everything You Need to Know*. WordStream. <https://www.wordstream.com/blog/ws/2023/04/10/instagram-vs-facebook>

3.2 Incluir ou Não Incluir: Escolhas Editoriais

No caso português, as editoras que se aventuram a publicar livros protagonizados por personagens que não se inserem no binário de género enfrentam algumas dificuldades, especialmente em casos de tradução, onde, por vezes, aquilo que são vivências intraduzíveis têm de ser adaptadas para públicos diferentes. A falta de normalização, e, portanto, as inconsistências entre diferentes edições/publicações tornam-se um grande entrave à compreensão do leitor e à normalização deste tipo de linguagem. Evidentemente, até à criação de matrizes mais coerentes e à sistematização de uma possível norma não-binária as editoras encontram-se numa interessante posição de poder: Esta é uma fase de processo de escolhas internas e definição de regras a seguir dentro das soluções, para já, disponíveis. Não podemos ignorar que esta falta de respostas na gramática normativa, afasta muitos editores de histórias não-binárias. Talvez por conservadorismo linguístico, ou por receio de penetrar neste nicho de mercado, muitos recusam-se, pelo menos para já, a procurar incluir nos seus catálogos editoriais, vivências diferentes. Ainda assim, os pioneiros acrescentam agora nos seus livros de estilo normas para o tratamento de pessoas não-binárias. Nesta primeira fase de publicação ainda experimental, reparemos em alguns exemplos de estratégias a que as editoras têm recorrido:

O recurso a uma nota introdutória é frequentemente utilizado pela Editora Desrotina, chancela do grupo Infinito Particular. Aqui, confrontam diferentes expressões de género contempladas em alguns dos livros do seu catálogo, apresentando assim ao leitor a proposta do sistema ELU/DELU. Sendo a editora com mais contribuições para a representação não-binária no panorama literário português, são também os que contam com a abordagem mais esquematizada e estruturada. A abordagem agora utilizada aparece apenas depois do lançamento do primeiro livro com recurso a neopronomes publicado pela editora. Em “Lendários”, de Tracy Deonn, publicado em 2022, a proposta de utilização do Sistema

ELU/DELU é apresentada pela própria tradutora, Elga Fontes, que levanta várias questões sociais pertinentes, incluindo uma reflexão sobre a diversidade do leque de personagens de Deonn e a sua importância no panorama editorial português, seguida de um comentário à não-binariedade e as razões que a levaram a optar pelo sistema ELU/DELU como resposta à identidade da personagem não-binária de “Lendários”.

NOTA DA TRADUTORA

Em Portugal não existe racismo.

Esta é a afirmação que permeia a consciência de muitos portugueses, defendida nas conversas de café e nos manuais escolares da História que se ensina às crianças. No entanto, as experiências de uma parte significativa da população e as tendências do nosso setor literário atestam precisamente o contrário. Na época da globalização, em que se vê ampliada a urgência das conversas sobre diversidade étnico-racial, o mercado literário português permanece estagnado numa predisposição maquinal a tendências de publicação hegemónicas, que se traduzem, entre outras problemáticas, numa escassez de obras com autoria e representação negra. É por isso que livros como *Lendários* são tão importantes.

Bree, a protagonista, incorpora de forma exímia aquilo que nós, mulheres negras, vivenciamos no nosso quotidiano — a consciência de uma sociedade que nos rejeita e de um tipo de preconceito velado que nos agride diariamente com uma intensidade quase impercetível. Mas mais do que isso, Bree representa um louvor às mulheres negras, uma celebração da força, da resiliência, da beleza e da magia de uma comunidade cuja perceção muitas vezes se confina a uma narrativa de opressão e violência que, apesar de factual, não constitui a totalidade da sua existência.

E no que a existência diz respeito, a autora apresenta-nos um elenco de personagens incrivelmente diverso. Além de uma protago-

nista negra, temos personagens asiático-americanas, lésbicas, bissexuais e uma personagem não-binária, à qual gostaria de dedicar algumas linhas desta nota.

A não-binariedade é um termo que abrange identidades de género fora do espectro binário, ou seja, que não são estritamente femininas ou masculinas. Não é algo especificamente adereçado ou explicado na história, mas ilustrado através de uma expressão de género assente no uso dos pronomes *they/them* que, na língua inglesa, são considerados pronomes pessoais de terceira pessoa do singular neutro de género. Ora, não estando equacionado na língua portuguesa um sistema de pronomes de género neutro, e perante a necessidade de dignificar uma personagem, também ela tão importante para a representação de uma comunidade marginalizada, tomei a decisão de, em todas as ocorrências individuais da personagem em questão, recorrer ao Sistema Elu/Delu, um conjunto de propostas para a inclusão de um género gramatical neutro na língua portuguesa, utilizado como padrão pela Associação Portuguesa de Jovens LGBTI e apoiantes da Rede Ex Aequo. Neste sistema, além do uso do neopronome «elu», às palavras com flexão de género é aplicado, no final, o morfema «-e». Assim, palavras como «simpático» ou «nervoso» ficarão «simpátique», «nervose» e assim por diante.

Todas estas decisões foram precedidas por um longo processo de profunda reflexão, mas, sobretudo, pela determinação pessoal de trabalhar para um setor literário mais inclusivo. É na nomeação que se concretiza a existência, e ao não incluirmos estas subtilidades na nossa linguagem quotidiana, apenas contribuímos para a invalidação de uma comunidade que apenas quer existir.

ELGA FONTES

Figura 3) Dupla página de "Lendários" (2022); Nota da Tradutora

Fontes escreve: “Todas as decisões foram precedidas por um longo processo de profunda reflexão, mas, sobretudo, pela determinação pessoal de trabalhar para um setor literário mais inclusivo.” (p. 9) e ainda que: “É na nomeação que se concretiza a existência” (p. 9). Considerações de extrema importância nesta fase experimental por que atravessa a utilização desta linguagem ainda não consolidada.

Um caso interessante de tentativa de inclusão é a edição portuguesa de “Rapariga, Mulher, Outra”, de Bernardine Evaristo, editada pela Elsinore. Sendo este um livro editado em 2020, é um dos primeiros exemplos em português da utilização do sistema ELU/DELU. No livro, Evaristo explora a história de várias personagens, de uma maneira ou outra, todas produto do sistema colonial britânico, num romance que repensa o racismo, a identidade de género e as diferenças de classe. Morgan, é *ume* destes *protagonistes*. Morgan identifica-se como não-binária/ género neutro porque nas suas palavras: “o meu problema não é ter nascido mulher, é o que a sociedade espera de mim, hoje vejo isto claramente...” (Evaristo, 2020, p. 351). A utilização de pronomes neutros ao longo da narrativa é frequente, se bem que por vezes é possível encontrar alguns segmentos pouco naturais:

Em “o emaranhado de ruas principais e secundárias ali em Londres desorienta **elu**, tudo aquilo é excessivo” (p. 356), por exemplo, a construção desorienta-o/a, na gramática normativa, seria a utilizada, pelo que, a utilização de um dos neopronomes oblíquos átonos *-ê/-es* ou *-u* seriam uma possível solução mais natural para este caso.

Por vezes esta edição peca pela correção excessiva, o que acontece, por exemplo, em “não custa de todo a elu orientar-se nos vales do Yorkshire” (p. 348), onde a construção “não lhe custa de todo orientar-se nos vales do Yorkshire” é perfeitamente válida na gramática normativa e não desrespeita a identidade de Morgan.

O oposto acontece num segmento posterior onde os padrões de género tradicionais penetram na narrativa:

Reparemos que em “Aaron, o dono, gosta **delu** – porque **elu** é uma **camiona mal-humorada** e porque, para **uma pessoa careca não binária** e cheia de tatuagens, é mais fixe e vanguarda do que a maioria” (p. 348), e por oposição, na edição original em inglês: “Aaron, the owner, likes Morgan because **they**’re a **mardy cow** and as a **non-binary bald person** with tattoos is cooler and edgier than most...” (Evaristo, 2019, p. 333). Na edição portuguesa, se

considerarmos as regras básicas do sistema ELU/DELU que é utilizado ao longo da publicação, a passagem “...porque elu é uma camiona mal-humorada...” é agramatical, visto que tanto “camiona” como “mal-humorada” não estão em concordância de gênero com o pronome “elu”. Fosse o livro reeditado, uma proposta mais coerente seria: “**elu é ume comione mal-humorado**”.

Este é apenas uma entre as várias opções possíveis para abordar um segmento como este, que requer um maior número de mudanças. Mudanças estas que se tornam mais flagrantes quando reparamos que não existe qualquer menção a gênero no enunciado original. Fosse esse o caso, Evaristo poderia estar a tentar passar uma ideia do dia-a-dia de Morgan, sendo-lhe frequentemente atribuído um gênero com o qual não se identifica. Não estando demarcado gênero, seria possivelmente mais prudente manter a coerência frásica. Talvez por esta ser uma das primeiras abordagens literárias com recurso ao sistema ELU/DELU, a sua utilização não é referida em qualquer espécie de nota introdutória, o que pode também levar a algum tipo de confusão por parte de um leitor nunca antes exposto a este tipo de linguagem.

Quando falamos de uma personagem secundária, com pouca influência na narrativa, as notas de rodapé parecem ter especial utilidade para dissipar possíveis dúvidas do leitor quanto à utilização de sistemas pronominais alternativos, evitando assim o uso de notas iniciais mais extensas. Esta é uma proposta, no entanto, propensa a ser abusada, e que deve ser usada comedido para as notas não afetarem negativamente a leitura.

Quaisquer que sejam as estratégias utilizadas, é necessário ter em conta a coerência na utilização do/dos sistema/s escolhidos e o nível de desconforto de um leitor não acostumado a este tipo de pronominalização. Sabendo que o nível de desconforto tenderá a descer com a continuada exposição a formas neopronominais.

4. Ir Mais Longe

Estes são apenas os primeiros passos para a criação de um conjunto de obras literárias que incluam uma multiplicidade de vivências humanas e para a evolução de uma indústria editorial capaz de responder às necessidades de um mundo em constante mudança. Segundo as palavras de Noah Leão, atual presidente da rede ex aequo, em entrevista à Revista *Time Out*: “Ao longo da evolução da humanidade, foram surgindo novas coisas e nós arranjámos formas de as nomear. As pessoas não-binárias existem há imenso tempo e a língua ainda não as reconhece”, e continua:

“Muitas pessoas da minha geração começaram a falar e a ler em inglês mais cedo porque era em inglês que encontrávamos histórias representativas das nossas vivências. Ter representação literária reconhece e normaliza a existência de pessoas não-binárias e também contribui para que quem não faz parte da comunidade tenha oportunidade de se relacionar.”¹¹

Vivemos hoje numa época excecional para romper com parâmetros há muito estabelecidos e para alargar o nosso entendimento da condição humana. Neste sentido, o trabalho incansável de pessoas como Vicente desbravam caminho para que formas de tratamento inclusivas possam vir a ser mais normalizadas. Normalização esta que terá forçosamente de passar por um processo de legitimação, através da introdução de pronomes neutros em dicionários, por exemplo, ou a sua utilização em contextos escolares para referência a pares não-binários, tanto em registo escrito como oral. Estamos ainda longe destes avanços, sendo o português neutro ainda grande fonte de discussões acesas. O exemplo francês parece ser um bom indicador de

¹¹ da Silva, R. D. (2023, 22 agosto) “Linguagem neutra. Queremos respeitar a língua ou as pessoas?”. TimeOut Lisboa. <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/linguagem-nao-binaria-queremos-respeitar-a-lingua-ou-as-pessoas-082223>.

futuras discussões públicas sobre o tema. A introdução do neopronome francês *iel*, derivado da junção de “il”/ele com “elle”/ela, na edição online do dicionário Le Robert em 2021 causa, inevitavelmente, considerável discussão sobre o tema, com ambos os lados a mostrarem-se intransigentes nas suas opiniões. Na opinião dos tradicionalistas, conservadores, a língua francesa deve abster-se de mudanças que provenham de influência estrangeira, como seria o caso de *iel*, se assumirmos que este aparece como resposta à utilização singular do pronome *they*, e como resposta a uma crescente preocupação com a inclusão de um maior número de pessoas. Em França, o descontentamento provém essencialmente de cima: de entidades políticas que vem a linguagem neutra como um ataque. François Jolivet, deputado da assembleia francesa, avança em 2021 com uma carta dirigida à Académie Française, convicto de que a “campanha solitária de Le Robert é uma intrusão ideológica óbvia que mina a língua comum e a sua influência”.¹² Esta campanha anti-inclusão, culmina, de certa forma, em novembro de 2023, quando várias iniciativas de linguagem inclusiva são banidas, incluindo a da utilização de um feminino neutro. O projeto de lei aprovado:

“visa anular a validade de qualquer documento que utilize linguagem inclusiva, algo que já havia sido estabelecido para a área educacional em 2021. A iniciativa parlamentar visa anular qualquer ato jurídico que tenha sido redigido em linguagem inclusiva, incluindo contratos de direito privado, e proibiria a sua utilização em publicações de pessoas com cargos públicos ou com missão de serviço público.”¹³

¹² Agência Lusa, 2021, 19 de novembro. “Introdução de pronome não-binário em dicionário francês agita linguistas em França”. Observador. https://observador.pt/2021/11/19/introducao-de-pronome-nao-binario-em-dicionario-frances-agita-linguistas-em-franca/?fbclid=IwAR2N1gd96RqKoIyWZx8w2PR7_5gNDQdWDAndvk3B_9WOfzN7CUaU4GBKeE

¹³ S/A, 2023, 2 de novembro. “Com apoio de Macron, senado da França proíbe linguagem inclusiva: 'em francês, o masculino é o neutro'”. O Globo. <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/02/com-apoio-de-macron-senado-da-franca-proibe-linguagem-inclusiva-em-frances-o-masculino-e-o-neutro.ghtml>

Ainda assim, apesar da contestação, e da eventual perda valiosa de legitimidade para a linguagem neutra, o neopronome continua parte do Le Robert, que durante a vaga inicial de protestos garantiu, através de comunicado de Charles Bimbenet: “Longe de ditar quais os termos que devem ser usados, Le Petit Robert estava a elucidar o significado da palavra, agora que está crescendo em todo o país”¹⁴. Este parece ser o ponto de vista de uma camada considerável de franceses mais liberais que, em contrapartida, se recusam a receber ordens sobre como utilizar a língua no seu quotidiano. Este é um exemplo claro de como a normalização de um padrão de linguagem diferente ainda está longe de ser conseguida. A luta pela legitimação parece passar menos pela legitimação política, mas mais pela amplitude de uso. Especialmente se considerarmos que certas peculiaridades linguísticas acabam inevitavelmente por ser integradas na gramática normativa devido à sua popularidade, e não necessariamente o contrário.

No que toca à linguagem neutra, falamos da compaixão e aceitação das experiências do outro e o respeito pela sua identidade e por quem é. Como defende Maria João Almeida¹⁵, o género nada mais é que uma mera construção social entendida e vivenciada de forma diferente por pessoas e culturas diferentes. Mesmo no caso de pessoas cisgénero, género não pode, nem deve, ser assumido, até porque nem todos se encaixam nos nossos, autoimpostos, padrões de género. Devemos, também, notar que nem todas as publicações, nomeadamente publicações que incluem pessoas reais, respeitam a identidade das pessoas que pretendem esmiuçar, ao

¹⁴ da Silva, R. D. (2023, 22 agosto) “Linguagem neutra. Queremos respeitar a língua ou as pessoas?”. TimeOut Lisboa. <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/linguagem-nao-binaria-queremos-respeitar-a-lingua-ou-as-pessoas-082223>.

¹⁵ Declaração pode ser encontrada em: Teixeira, D., C., (2022, 5 de junho). *O que é ser não-binário? E poligénero? A identidade de género pode ser "uma bola tridimensional complexa" (e este artigo inclui um glossário que ajuda a simplificar)*. CNN. <https://cnnportugal.iol.pt/identidade-de-genero/genero/o-que-e-ser-nao-binario-e-poligenero-a-identidade-de-genero-pode-ser-uma-bola-tridimensional-complexa-e-este-artigo-inclui-um-glossario-que-ajuda-a-simplificar/20220605/629900fe0cf26256cd276be5>

inadvertidamente não utilizarem pronomes da preferência da pessoa visada nos seus artigos. Inserimos nesta categoria, a título de exemplo o tratamento de Elliot Page em várias publicações nacionais, depois de se ter assumido pessoa não-binária masculina em 2020. As referências ao antigo nome de Page, os pronomes femininos misturados nos artigos, são alguns dos problemas facilmente encontrados em vários artigos da época, alguns mais tarde editados, mas ainda sem o reconhecimento total da identidade de género de Page¹⁶. Será, porventura, importante referir que nem todas as interações em que uma pessoa trans/não-binária não se vê tratada com os seus pronomes de eleição, são necessariamente, interações em que tal aconteça de forma maliciosa ou até mesmo intencional.

Quando falamos de identidade de género, falamos necessariamente de pessoas, sendo que o desconhecimento ou a incompreensão não podem ser desculpas para a estagnação social e para o impedimento da criação de estratégias para a integração de comunidades marginalizadas na sociedade. Como parte da indústria de criação e promoção cultural, será imperativo que o mundo editorial se encontre na linha da frente no que toca à problematização e mediatização positiva deste tipo de questões sociais.

A recusa do diferente e a ostracização de uma camada significativa da população, não só pode levar a conflitos morais e inconstitucionais, se tivermos em conta os decretos de lei como a Lei n.º 38/2018, de 7 de agosto que “estabelece o direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género e o direito à proteção das características sexuais de cada pessoa”, como também podemos encontrarmo-nos na precária posição de afastar não só um considerável

¹⁶ Exemplos de publicações utilizando pronomes não compatíveis com a identidade de género do ator podem ser encontrados em: Pereira, R. P., (2020, 2 de dezembro) *Elliot Page anuncia que é transgénero*. Delas. <https://www.delas.pt/ellen-page-agora-e-elliott-atriz-do-filme-juno-anuncia-que-e-transgenero/pessoas/911205/>; S/A (2020, 2 de dezembro). *Atriz Ellen Page agora é Elliot Page, depois de se assumir como transgénero*. FLASH! <https://www.flash.pt/celebridades/mundo/detalhe/ atriz-ellen-page-agora-e-elliott-page-depois-de-se-assumir-como-transgenero>; e ainda S/N, (2020, 2 de dezembro) *Ellen Page Atriz Anuncia Que É Transgénero. Agora Chama-Se Elliot*. VIP <https://www.vip.pt/ellen-page-atriz-anuncia-que-e-transgenero-agora-chama-se-elliott>.

grupo de leitores, sedento de consumir histórias com que se identifica, mas também de um segmento de mercado interessado em compreender e identificar vivências diferentes das suas.

Considerações Finais

A exploração de identidades de gênero heterodoxas caracteriza-se ainda por uma grande resistência por parte de um considerável número da população. Apesar de a sua expressão ser reduzida, ocupa um grande espaço no debate público atual, o que, com a insurgência de grupos associados a movimentos de extrema-direita, coloca muitas vezes estas minorias numa posição fragilizada, expostas a situações de violência recorrentes.

Parte da integração e normalização destas vivências, consideradas ainda atípicas, passa necessariamente pela celebração e representação das pessoas que as experienciam diariamente. Assim sendo, a luta LGBTQIA+ pela representação política e social convive intimamente com a intensificação da representação na esfera cultural predominantemente heteronormativa.

Conseguimos, assim, compreender a importância de ampliar o leque de experiências humanas visadas nos *media*, independentemente do seu formato. Será necessária uma adaptação da língua portuguesa, até aqui incapaz de caracterizar aquele que não se enquadra na restrita definição de gênero que encaramos como absoluta. Ao separarmos a expressão de gênero de sexo biológico conseguimos, de forma introspetiva, refletir sobre a interpretação de gênero intrínseca a cada um. Aqui, não falamos necessariamente de disforia corporal ou outras formas de transgenderismo no seu sentido mais restrito, sentido este que também implica um binarismo que não tem que existir. A forma como cada indivíduo interpreta e expõe a sua individualidade será talvez pouco explorada, um tanto pela barreira convencionada intransponível a que chamamos gênero, e que inevitavelmente equiparamos ao sexo biológico. A exploração destas identidades nada mais é que um processo de autodeterminação e aprendizagem sobre o outro, matéria característica da produção literária. A edição e o editor, talvez até o editore, devem inovar e estar dispostos, ou dispostes, a abraçar a diferença e a ir além das convenções previstas pela gramática normativa. Considerando o ambiente político-

social atual e a crescente popularidade de políticas de extrema-direita, é agora mais importante do que nunca enfatizar uma mensagem de aceitação e tolerância para com uma das comunidades mais marginalizadas na nossa sociedade. A esfera cultural tem um papel particularmente fundamental na divulgação e promoção deste tipo de neolinguagem, mas só a adesão por uma parte significativa da população resultará na consolidação e integração definitiva de uma forma de tratamento livre de preceitos de género rígidos e que não correspondem às vivências das sociedades em que se inserem.

Talvez o maior entrave a esta dissertação seja a falta de exemplos concretos de onde poderíamos retirar um cânone coeso. Pelo que o seu objetivo principal passa por uma recolha do que é hoje editado com recurso a um tipo de linguagem neutra e inclusiva, com a esperança de que trabalhos futuros focados nesta temática tenham a possibilidade de explorar diversas outras propostas. Não nos é, aqui, possível, esmiuçar a validade linguística de uma ou outra proposta, ou a necessidade social indiscutível para uma maior abertura à diferença, no entanto estas são questões incontornáveis quando falamos nestas edições em particular. Mesmo sendo uma realidade que sempre se verificou, aquela onde nem todos se enquadram de forma plena nas designações homem/mulher, só recentemente é que assistimos à criação de uma verdadeira proposta de revisão e alteração da língua. Damos ainda os primeiros passos para aquilo que poderá ser uma verdadeira revolução linguística, mas que só o tempo dirá se será bem-sucedida ou não. Talvez as propostas atuais não vinguem no tempo, mas por certo, outras tomarão o seu lugar. A mudança é sempre uma constante inevitável.

Como muitas das personagens dos livros que serviram de exemplo do que hoje se escreve e edita em língua portuguesa neste âmbito, cabe a todos nós questionarmos o nosso posicionamento sobre o género e sobre aqueles que audazmente enfrentam um quotidiano de insegurança e incerteza, não se resignando a viver de qualquer outra forma que não aquela que lhes é mais verdadeira.

Bibliografia Ativa

Deaver, M. (2019). *I wish you all the best*. New York: Scholastic Inc..

Deaver, M. (2023). *Quero Apenas o Melhor para Ti* (C. C. Loureiro, Trad.). Lisboa: Desrotina.

Deaver, M. (2024). *Desejo a você as coisas mais belas*. (V. Vieira, Trad.) Rio de Janeiro: Alt.

Deonn, T. (2022). *Lendários*. (E. Fontes, Trad.) Lisboa: Desrotina.

Evaristo, B. (2019). *Girl, Woman, Other: A Novel*. New York: Grove Press.

Evaristo, B. (2020). *Rapariga, Mulher, Outra* (M. Romeira, Trad.). Lisboa: Elsinore.

Kobabe, M. (2022). *Gender queer: A Memoir*. Portland: The Lion Forge.

Kobabe, M. (2023). *Género queer* (. Alfragide: Edições Asa.

Vicente, L (2023). *No meu Bairro*. Lisboa: Nuvem de Letras.

Bibliografia Passiva

Almeida, G. C. (2020). *Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa*. Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Baron, D. (2020). *What's your pronoun: Beyond he and she*. New York: Liveright Publishing.

Bodine, A. (1975). *Androcentrism in Prescriptive Grammar: Singular “They”, Sex-Indefinite “He”, and “He or She.”*. *Language in Society*, 4(2), 129–146.

Boot, A. B., Dijkstra, K., & Zwaan, R. A. (2021). *The processing and evaluation of news content on social media is influenced by peer-user commentary*. *Humanities and Social Sciences Communications*, 8(1), 1-11.

Cassiano, O. (2019). *Guia para a linguagem neutra* (pt-br). <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>.

Cavanaugh, J. R. (2020). *Language ideology revisited*. International Journal of the Sociology of Language, 2020(263), 51-57.

Clark-Keane, C. (2023, 15 de maio) *Instagram vs. Facebook for marketing: Everything You Need to Know*. WordStream. <https://www.wordstream.com/blog/ws/2023/04/10/instagram-vs-facebook>

Corrêa, L. S. (2001). *Uma hipótese para a identificação do gênero gramatical com particular referência para o português*. Letras de Hoje, 36(3).

Cunha, A. R. F. (2021). *Codeswitching entre Português e Inglês em interações virtuais e informais: valores e funções*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

da Madalena, E. V. (2017). *Temáticas transgênero na literatura infantil*. Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil, (4).

da Madalena, E. V. (2021). *A última cor do arco-íris: representações do transgênero na literatura para a infância*. Tese de Doutorado, Universidade de Aveiro.

da Silva, A. K. R. (2021). *Avaliação sociolinguística de docentes de língua portuguesa acerca do gênero neutro*. Anais do Simpósio Internacional de Ensino de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras, 2(1), 1-16.

de Souza Guimarães, V. (2020). *Inclusão na língua: as tentativas de neutralidade de gênero no português brasileiro*. Revista da ABRALIN, 1-5.

dos Reis, N. & Pinho, R. (2016). *Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação*. Reflexão e Ação, 24(1), 7.

dos Santos, A. L. P. (2019). *Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela língua(gem) inclusiva*. Revista Ártemis, 28(1), 160–178.

Duarte, C. I. N. (2018). *Queering translation: Queerizar o aleijado ou aleijar o queer?*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Fontana, M. G. Z. (2015). *Língua oficial e políticas públicas de equidade de gênero*. Línguas e instrumentos linguísticos, (36), 221-243.

Hekanaho, L. (2020). *Generic and nonbinary pronouns: Usage, acceptability and attitudes*. University of Helsinki.

Henderson, A. (2021). *Playing with Genre and Queer Narrative in the Novels of Malinda Lo*. The International Journal of Young Adult Literature, 2(1).

Leal, D., Freitas J. P., Magalhães, S. & Matias, M. (2023) *Guia para a Utilização de Linguagem Inclusiva*. Projeto RESET. Universidade do Porto.

López, Á. (2022). Trans (de) lection: *Audiovisual translations of gender identities for mainstream audiences*. Journal of Language and Sexuality, 11(2), 217-239.

Mäder, G. R. C. & Severo, C. G. (2016). *Sexismo e políticas linguísticas de gênero*. Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos, 1, 245-260.

Magalhães, L. O. & Santana, J. A. (2023) *linguagem neutra: aplicações na literatura contemporânea*. Estudos Interdisciplinares da Linguagem e Ensino - Volume 2, 27-38.

QueerIST (2021). *Guia prático para um português inclusivo* (2.^a versão).

Saleiro, S., Ramalho, N., Menezes, M. & Gato, J. (2022). *Estudo nacional sobre as necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de gênero e características sexuais*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

Roof, J. (1996) *Come as you are: sexuality and narrative*. Columbia University Press.

Schwindt, L. C. (2020). *Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico*. Revista Da ABRALIN, 19(1), 1–23.

Seixas, G. M. D. S. (2022). *“Ideologia de gênero” em Portugal: narrativas emergentes e construção de significados*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Sendén, M. G., Bäck, E. A. & Lindqvist, A. (2015). *Introducing a gender-neutral pronoun in a natural gender language: the influence of time on attitudes and behavior*. *Frontiers in psychology*, 6, 893.

Vilela, M. (1973). *Considerações gerais sobre o gênero: o gênero dentro das categorias gramaticais*. *Revista da Faculdade de Letras: Filologia*, vol. 1, num. único, p. 139-150.

Zimmer, L. (1988). *Tokenism and women in the workplace: the limits of gender-neutral theory*. *Social problems*, 35(1), 64-7.